

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM UMA COMUNIDADE RURAL: MEMÓRIA DO TRABALHO E DO ENVELHECIMENTO

Reports of experiences of women in a rural community: working memory and aging

ROCHA, Tânia Maria Rodrigues da¹

ALVES, Ana Elizabeth Santos²

REIS, Luciana Araújo dos³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever a memória do trabalho e do envelhecimento de mulheres da Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo, em Vitória da Conquista - Bahia, que se autodefinem como quilombolas por meio dos seus testemunhos orais. Assim, com auxílio da memória, narramos às experiências dessas mulheres no trabalho agrícola, que se assenta na solidariedade e é compartilhado entre os membros da família, denotando uma preocupação com o bem-estar comum e com a formação de uma consciência coletiva. Como pressupostos metodológicos utilizamos a análise de conteúdo, modelo de Bardin, para a realização das análises das entrevistas. A partir desse método, emergiram as categorias: memória, trabalho e envelhecimento. O estudo concentra-se na memória, na construção e na reconstrução feitas no presente, a partir da relação de pertença desse grupo, cujos membros articulam entre si as vivências e as experiências do passado. A pesquisa evidenciou que o trabalho das mulheres é o meio de sobrevivência da família, como também uma conquista de sua autonomia e autoestima. Ademais, verificamos que o processo de envelhecimento não foi fator preponderante para limitar essas mulheres nas suas atividades laborativas.

Palavras-chave: Memória do trabalho. Envelhecimento. Mulheres de comunidade rural.

ABSTRACT

This article aims to describe the work and memory of aging women of the remaining Quilombola Rural Community of São Joaquim de Paulo, in Vitória da Conquista – Bahia, which define themselves as quilombolas through their oral testimony. So, with the aid of memory, we narrate the experiences of these women in agricultural work, which is based on solidarity and is shared among family members, showing a concern for the common welfare and with the formation of a collective consciousness. As methodological assumptions we use content analysis, model of Bardin, to carry out the analysis of the interviews, from this method, emerged the categories: memory, work and ageing. The study focuses on memory, in construction and reconstruction made in the present, from the relationship of belonging to this group, whose members are articulated among themselves the through experiences of the past. The research showed that the women's work is the means of survival of the family, as well as an achievement of their autonomy and self-esteem. Furthermore, we note that the aging process was not a predominant factor to limit these women in their labor activities.

Keywords: Working memory. Ageing. Women in rural community.

¹ Mestre em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), membro do Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação (UESB/CNPq). E-mail: <tanrr_projetos@hotmail.com>.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória, Linguagem e Sociedade da UESB e da Graduação do DFCH/UESB, membro do Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação (UESB/CNPq). E-mail: <ana_alves183@hotmail.com>.

³ Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória, Linguagem e Sociedade da UESB, membro do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento e Obesidade (UESB/CNPq). E-mail: <lucianauesb@yahoo.com.br>.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo descrever a memória do trabalho e do envelhecimento de mulheres da Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo em Vitória da Conquista – Bahia, que se autodefinem como quilombolas por meio dos seus testemunhos orais. Assim, com auxílio da memória, narramos às experiências dessas mulheres no trabalho agrícola que se assenta na solidariedade, compartilhado entre os membros da família, denotando uma preocupação com o bem-estar comum e com a formação de uma consciência coletiva.

Para o desenvolvimento deste estudo, escolhemos como campo empírico a Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo, que está localizada no povoado de Capinal, a 15 km do município de Vitória da Conquista – Bahia. É um espaço social identitário de um território de descendentes africanos de referência comunitária e que subsiste sob uma relação de pertença⁴. Essa comunidade rural é reconhecida como remanescente de quilombo por estar inserida no contexto de comunidade de povos tradicionais pelo Decreto federal nº 4.887/2003 (BRASIL, 2003) e pelo Decreto estadual nº 11.850/2009 (BRASIL, 2009) e pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), através do Art. 4º - nos quais “Consideram-se Comunidades Remanescentes de Quilombos, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (SEPROMI, 2003, p. 23).

A visão construída do termo “quilombo”, pela história oficial, é a de um lugar de isolamento, mundo natural e selvagem. Gerou-se, a partir daí, uma descrição de quilombo marginalmente fora da produção, do trabalho e do mercado. Com isso, essa visão influencia toda uma vertente empirista de interpretação. Assim, Gomes (1995) afirma que:

[...] por muito tempo predominou na historiografia, de que os quilombos eram agrupamentos marginais ao mundo da escravidão, de que praticavam a política do isolamento, numa tentativa de reconstruir pequenas Áfricas como alternativas ao ambiente opressivo das senzalas (GOMES, 1995, p. 197).

O “quilombo” remete a algumas discussões no campo jurídico, histórico, político e antropológico, às quais foram atribuídas várias ressignificações, possibilitando a ideia de apresentar um quadro amplo de possibilidades interpretativas, predominantemente para efeito de sua aplicabilidade. A partir da Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), no seu Art. 68, o termo “quilombo” ou “remanescente de quilombo” adquiriu uma significação atualizada, utilizado para conferir direitos territoriais. Essas comunidades rurais passam por um processo de reconhecimento, as quais, ao serem analisadas, são referenciadas por aspectos étnicos, culturais, antropológicos e históricos.

⁴ O sentimento de pertença é estabelecido nas relações sociais, semelhante ao que costuma ocorrer entre os membros de uma família ou de grupos. Weber (1994) define o sentimento de pertença a partir do conceito de comunidade, que é movido por diferentes intencionalidades, lugar de igualdade, de integração, de liberdade, de autonomia, de conflitos, de tradição e de afeto.

Contudo, na opinião de O'Dwyer (1998, p. 17), "o passado a que se referem os membros desses grupos não é o da ciência histórica, mas aquele em que se representa a memória coletiva — portanto, uma história que pode ser igualmente lendária e mítica". Nesse sentido, a interação que se tem desses grupos com sentimentos de pertença e identidade faz com que a memória coletiva reporte a um conjunto de recordações que se encontra vivo nesses grupos, por isso, é importante manter a sua integridade e sobrevivência, para que haja a construção da memória. A memória é materializada, concretizada e socializada com os grupos sociais.

Para tanto, utilizamos como escopo metodológico a análise de conteúdo, modelo de Bardin num enfoque qualitativo. Seguimos as suas três etapas básicas de análises de Bardin (2007) para o tratamento das entrevistas: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial, conferindo uma nova "imagem" ao objeto. Esse método de abordagem foi fundamental para fazer emergirem as categorias de análises: memória, trabalho e envelhecimento. As categorias "trabalho" e "envelhecimento" foram ancorados na memória, uma vez que esta, como categoria analítica, contribui para a construção do passado, reportando para o presente o contexto do grupo social em estudo. Vale ressaltar que essas categorias foram mediadoras e essenciais para que o objeto fosse conhecido, servindo como subsídios para a discussão teórica da memória coletiva e da memória das mulheres.

Todas as entrevistas⁵⁵ foram gravadas e transcritas na íntegra, tendo-se o cuidado de classificá-las, agrupando-as conforme as semelhanças dos conteúdos temáticos que emergiam, não desprezando nenhuma informação e nenhuma interferência. Ademais, a investigação adotou o critério de saturação de dados. Dos sujeitos envolvidos, delimitamos em um número de dez mulheres, na faixa etária dos 60 aos 75 anos de idade, pois dificilmente um maior número de entrevistas traria novas informações acerca das questões levantadas sobre o fenômeno estudado. A escolha pelo sexo feminino é pelo fato de a população da Comunidade São Joaquim de Paulo ser constituída por um número maior de mulheres. Para a seleção de entrevistas foram estabelecidos os critérios de inclusão: mulheres que têm representatividade e participação na história da comunidade; nascidas/residentes da Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo e ativas (que continuam desenvolvendo atividades na agricultura). Essas testemunhas assumem grande importância, pois as mulheres apresentam experiências e vivências acumuladas pelos seus longos anos de vida, carregadas de lembranças servindo como portadoras da memória, contribuindo, assim, para o desenvolvimento desta pesquisa.

MEMÓRIA COLETIVA

Este estudo circundou-se na memória coletiva, apropriando-se do pensamento teórico de Maurice Halbwachs, no sentido de destacar o papel da interação social na produção/reprodução da memória. Para Halbwachs é a partir dessa interação social que é construída a memória. Nos seus escritos textuais, esse autor afirma que toda memória está estruturada nas relações sociais, seja no âmbito familiar, no âmbito de

⁵ Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa foram respaldados pelos critérios estabelecidos para ética em pesquisa, atendendo, dessa forma, aos aspectos da Resolução 466/12, em especial, os princípios da autonomia envolvendo seres humanos.

trabalho e nos demais grupos. Essa inter-relação cria laços de afetividade e afinidade, e, conseqüentemente, acaba recebendo interferências do grupo, uma vez que, se há envolvimento entre os membros do grupo, se pode reproduzir o teor da lembrança. A memória é construção e reconstrução feitas no presente, a partir da relação de pertença de um grupo, cujos membros articulam entre si as vivências e experiências ocorridas no passado. Nessa perspectiva, Halbwachs (2006), nos mostra que:

Se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o passado (HALBWACHS, 2006, p. 91).

A memória traz através das reminiscências um entendimento das experiências e vivências do indivíduo, o (re) significado das coisas e de si mesmo. Assim, a construção dessa categoria analítica assinala o processo histórico das mulheres em relação às práticas tradicionais do trabalho agrícola, desvelando o passado e o presente, numa perspectiva de realçar os aspectos subjetivos da realidade vivenciada.

Ao reportar a memória destas mulheres sobre seu trabalho e envelhecimento ressurgiram fatos relevantes e significativos, contribuindo para ressignificar a importância desse grupo social para a historiografia. É nesse sentido que se pode compreender esse grupo como parte integrante de uma minoria, sobre a qual paira o estigma do esquecimento, do silêncio e do ignorado. Silva (1995) considera que o Brasil ainda é um país que não homenageia os seus reais protagonistas. A sua história tem sido, realmente, uma “utopia episódica”, uma metáfora social e política. Foi elaborada, assim, no campo da crônica, “prenhe de nababos”, em que o destaque de herói só tem sido dado aos famosos soberanos. Isso significa dizer que a resistência da sociedade majoritária impõe certa dominação na produção das sociedades históricas. Como afirma Le Goff (2003, p. 422), [...] “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva”.

Assim, não se podem regular as lembranças, é necessário transmitir às novas gerações, ao seu grupo social, os acontecimentos, as experiências e as vivências, consideradas relevantes para o conhecimento do grupo. Desse modo, a condição necessária para que exista memória é o sentimento de continuidade daquele que se lembra. Para isso, é essencial a presença de testemunho para que o acontecimento se perpetue e se torne memória. Sobre isso, Halbwachs (2006) ressalva:

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação. [...] O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros (HALBWACHS, 2006, p. 29).

A esse respeito, a memória mostra, através dos discursos das mulheres, os interesses e questões relacionados às reminiscências dos seus antepassados, referentes ao aprendizado e preservação do trabalho agrícola perpetuado no cotidiano dessas mulheres. As tradições repousam sobre a memória de um grupo quando existe uma

inter-relação dos seus membros, pois a memória é o vivido e experimentado no cotidiano do grupo (HALBWACHS, 2006). Tal aspecto destaca o elo entre a tradição dos costumes e a memória, e, através da transmissão oral, ela se preserva em grande parte.

MEMÓRIA DAS MULHERES

Em seus discursos, ressoam o aprendizado e a preservação da memória do trabalho com as práticas tradicionais, a transmissão do conhecimento e de saberes que foi constante. Observemos os trechos narrados por Brito e Souza, respectivamente:

[...] passei para meus filho, ensinei os meus filho a trabalhar na roça comigo panhando café, e nessa roça aqui tudo, nessa "parabeira" tudo era eu, meus filho e meu marido (América Brito, 64 anos).⁶

[...] trabalho, trabalhei muito e trabalho até hoje. Com meu pai e minha mãe, que me ensinou desde pequena, nois foi criado trabalhando. Graças a Deus, desde de pequena, quando eu estava com 7 anos, a gente já botava mandioca na roda, tirando goma e raspando mandioca, fui criada em cima do trabalho da roça. Agora mesmo tem um ali que está capinando um pedacin de terra, é meu neto, os meus filho, todos sabe trabalhar, aprendeu comigo. Meus netos, sabe fazer de tudo de roça (Guiomar Souza, 68 anos).⁷

As falas acima citadas remetem ao cotidiano vivenciado pelas mulheres no contexto do trabalho agrícola, bem como a preocupação em transmiti-las e perpetuá-las, o que nos leva a inferir sobre sua importância para a sobrevivência das famílias da comunidade quilombola. Nos seus relatos, o aprendizado foi adquirido com o próprio ato de produzir; a repetição nas tarefas diárias estabelece um processo de aprendizagem e elas se aperfeiçoaram e se tornaram mais experientes com o próprio trabalho. Segundo Tiriba (2006, p. 48), a produção de saberes ocorre em diferentes espaços, por exemplo, no trabalho, onde são construídos [...] "códigos, padrões, normas, conhecimentos, saberes, crenças, valores e criações materiais (instrumentos, métodos, técnicas), [...] que regulam as ações e os comportamentos humanos".

Tais afazeres, no trabalho agrícola, fizeram com que essas mulheres adquirissem um conjunto de saberes/fazer sobre o manejo da terra, das plantações, das produções de farinhas e beiju, entre outros, nos quais reproduziram a sua existência e os saberes tradicionais adquiridos através do trabalho por herança dos seus antepassados. As mulheres rememoram e contam a sua vida no trabalho e os ensinamentos recebidos pelos pais, e que foram também repassados para seus filhos, constituindo-se referência para as futuras gerações. As entrevistadas também se referem ao tempo de infância, período em que ingressaram no mundo do trabalho. Contudo, o trabalho fez com que essas mulheres, desde cedo, fossem condicionadas a ele, uma herança familiar que ainda se perpetua, sendo comum nos contextos rurais. Sobre esse assunto, Tiriba (2006) descreve que o povo produz saber na prática do trabalho e nas demais instâncias das relações sociais. Em seus relatos, Gomes e Silva relatam o seguinte:

⁶ Brito, América M. de J. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 julho 2014.

⁷ Souza, Guiomar S. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 17 jun. 2014.

Eu comecei a trabalhar desde pequena. Quando eu era desse tamanhózin, eu lavava uma bacia de roupa. Criei na roça, lavava roupa (Elizete Gomes, 74 anos).⁸

O meu pai morreu cedo, então minha mãe ficou com meus irmão mais novos, aí eu tinha que dar duro na roça pra ajudar ela a criar eles [...]. Eu já montei em burro pra tocar junta de boi como varão [...], tinha que trabalhar mesmo [...], tirava a carga de mandioca e jogava no palanco que a gente levava para os porquin, então tudo isso eu já fiz na minha vida e até hoje, se sair todo mundo (referente à família), e se não tiver lenha, eu meto o machado pra dentro e lasco lenha (Maridalva Silva, 67 anos).⁹

O trabalho, conforme a sua abrangência de significados, pode ser compreendido genericamente como atividade humana de criação, a qual desencadeia uma série de transformações e possibilita mudança estrutural, tanto ao homem, como à natureza, pois o homem, ao agir sobre a natureza, modifica-a, transforma-a e a desenvolve com o intuito de atender às suas necessidades, e, ao mesmo tempo, ele se transforma diante da plenitude que o trabalho representa. Para as mulheres, o trabalho é uma forma de sentirem ativas e uma motivação para buscar a sua independência. As falas das entrevistadas demonstram de forma evidente a valorização do trabalho para si, que cria coisas e é socialmente necessário, vinculado à teorização marxista sobre o valor-trabalho, referindo-se ao trabalho concreto que se manifesta no seu valor de uso pela sua utilidade.

FIGURA 1

Colheita do café realizada por uma mulher negra, com a participação da família



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo/2014.

⁸ Gomes, Elizete M. de J. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 5 jul. 2014.

⁹ Silva, Maridalva R. S. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 5 jul. 2014.

Segundo Marx (1988, p. 48): “o tempo de trabalho socialmente necessário para produção de um valor de uso é o que determina a grandeza de seu valor”. Assim, tais sentimentos estão expressos nas falas de Pereira e Oliveira respectivamente:

[...] mas a vontade minha é só de ir pra roça, assim pra distrair. E dentro de casa fica sem jeito né, e gente trajando assim e fazendo as coisas assim fora na roça da gente, vai distraíndo, parece assim uma alegria que a gente sente, quando eu vou pra roça ranço a mandioca, boto ela na prensa, aquele cheiro da farinha, da massa, pego o rodo e mexe (Railda Pereira, 64 anos).¹⁰

[...] a importância do trabalho pra mim é porque trás assim animação, coragem, se a pessoa só ficar dentro de casa só pensando. Se a gente for ficando ali só pensando no que ganha aí não tem como ficar só dentro de casa pensando que já ganhou ou que tá ganhando, né (Maria Iva Oliveira, 61 anos).¹¹

FIGURA 2

Colheita do café



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo/2014.

Observa-se nesses relatos que o trabalho não está associado à fadiga, ainda que considerado pesado e rotineiro. Elas não expressam o desejo de parar as suas atividades, por serem condicionadas, desde crianças, ao trabalho, o que o tornou determinante na organização das suas vidas e das suas próprias existências. Destaca-se, neste estudo, por meio das histórias de vidas relatadas, a capacidade de enfrentamento das mulheres, como as falas de Almeida e Pereira, explicitadas abaixo:

¹⁰ Pereira, Railda A. G. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 jul. 2014.

¹¹ Oliveira, Maria de Iva de J. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 5 jul. 2014.

A gente não pode ficar parado senão adoecer, fui criada no trabalho, então tenho aquela ansiedade de trabalhar, mesmo que não aguento mais, tô futucando, a enxada é velha tá ali né, qualquer coisa estou com ela arrastando na beira do terreiro. Eu fiquei muito assim, percebida do trabalho, não pego mais peso. Trouxe mudança [referindo-se ao trabalho], porque na idade que eu tô não é como eu era mais nova, de 20 e 30 anos, até os 40 era outra coisa. Passou daí, já vai mudando (Maria Almeida, 75 anos).¹²

[...] trouxe muita mudança no trabalho, à gente sempre fica cansada né, porque aquele tempo de nova é outra coisa, vai caindo pra idade, já vai mudando alguma coisa, vai dando uma canseira. Vem os problemas de saúde. Eu não sou mulher de ficar parada, se eu fico dentro de casa, eu faço tudo (Railda Pereira, 60 anos).

FIGURA 3

Processo de secagem realizado por mulher negra



Fonte: Arquivo pessoal, Pesquisa de campo/2014.

Ao serem indagadas sobre o significado do trabalho, as mulheres entrevistadas expressaram, de forma singular, o que o trabalho realmente significa para elas, ou seja, o meio de produzir os seus bens necessários, ao qual atribuem ainda outros sentidos, como distração, animação e alegria. Assim, o trabalho é visto como algo muito importante que dá sentido à vida. Como narram Brito e Oliveira:

[...] trabalhar é muito bom né, porque a gente sem trabalho! tem pessoas que fica parado em casa, é sente dor, dor ali, dor acolá. Trabalhando, sai e distrai, então acho muito bom né trabalhar, é uma distração. Também é sobrevivência (Josefa Brito, 62 anos).¹³

[...] a importância do trabalho pra mim é porque trás assim animação, coragem, se a pessoa só ficar dentro de casa só pensando. Se a gente for ficando ali só pensando no

¹² Almeida, Maria A. de. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 jul. 2014.

¹³ Brito, Josefa S. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 julho 2014.

que ganha aí não tem como ficar só dentro de casa pensando que já ganhou ou que tá ganhando, né (Maria Iva Oliveira, 61 anos).

Para tanto, o trabalho em sua essência condiciona o homem no seu desenvolvimento social, possibilita a mobilidade e a estratificação social, além de identificá-lo na sociedade. O trabalho tem a finalidade de produzir coisas para suprir as necessidades humanas. O trabalho se apresenta como algo concreto, o fazer para produzir coisas, embora, ao mesmo tempo, o homem, ao fazer coisas, construa a sua própria subjetividade. Para Antunes (1995, p. 123): “o trabalho se mostra como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem”. Pode-se dizer que o homem se faz pelo trabalho, pois o trabalho possibilita sua emancipação e o desenvolvimento das suas capacidades produtivas. Nesse sentido, Albornoz (1986) acrescenta:

O trabalho foi concebido por alguns como estímulo para o desenvolvimento do homem, e não como obstáculo. O trabalho seria expressão do homem e expressão da personalidade, do indivíduo. O homem se torna um criador por sua própria atividade; pode realizar qualquer coisa (ALBORNEZ, 1986, p. 58).

FIGURA 4

Plantação de andu cultivada por mulher negra



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo/2014.

Entretanto, fora dessa magnitude do trabalho como símbolo de prazer, emancipação, criação, enfim, reconhecimento social, se configura também como fonte de sofrimento, opressão e alienação, os quais são os elementos ambivalentes que o trabalho manifesta.

No contexto observado, as mulheres que trabalham na agricultura colocam a sua saúde e boa parte das suas vidas nas imposições do trabalho. O corpo se configura como instrumento de trabalho, principalmente, na agricultura, que é considerada uma atividade pesada, que demanda força muscular e movimentos repetitivos, preponderantemente, de esforço físico. Segundo Marx (1988, p. 53), “todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico”. O autor faz referência ao trabalho como ação física humana, que necessita dos movimentos das forças naturais do corpo, braços e pernas, cabeça e mão para se apropriar da matéria. Por conta disso, as mulheres apresentam queixas como dores musculares e lesões e doenças osteoarticulares são comuns. Nota-se que as mulheres entrevistadas apresentam problemas de coluna, dores musculares e pele com turgor exageradamente diminuído, não só pela velhice, mas pela exposição diária ao sol que acelera o envelhecimento da pele. Assim, como mostra as declarações de Silva e Salgado, o trabalho exige muito esforço físico:

[...] comecei puxando enxada, trabalhei muito na roça, pegando café, capinando para limpar a terra, então até em uma certa altura né, [...] eu pego no machado, lasco lenha, eu faço uma coisinha, eu não vou deixar de botar uma panela no fogo (Maridalva Silva, 67 anos).

[...] eu tó aí arraiando [refere-se ao trabalho], planto muda de banana, é andu, é mandioca, é batata. Quando mais eu trabalho mais tenho vontade. Quando a noite vem chegando, eu ficou doida pra o dia manhecer. Acordo 5:50 para tanger as galinhas, graças a Deus eu gosto de trabalhar (Maria de Jesus Salgado, 75 anos).¹⁴

O processo de envelhecimento é um fenômeno que apresenta características diferenciadas, que variam de acordo com a cultura, o tempo e o espaço, e possui especificidades marcadas pela posição de classe de indivíduos e grupos sociais, aspectos relacionados ao gênero, etnia e raça, assim como pela cultura, pela política e pelas condições socioeconômicas. Cabe considerar ainda que os idosos não são iguais, pois evidenciam diferentes aspectos nos quais eles estão inseridos. Neste sentido, Minayo (2011) diz que:

É absolutamente diferente envelhecer no campo ou na cidade, numa família rica e de posses ou numa família pobre, ser homem ou ser mulher, ter tido emprego ou apenas ter vivido de atividades informais ou do lar, ser dependente ou independente física, mental, econômica ou socialmente (MINAYO, 2011, p. 10).

O envelhecimento é uma situação de mudança que requer adaptações do próprio indivíduo que envelhece, bem como dos seus familiares, que, inevitavelmente, envelhecem. Os vínculos estabelecidos dentro desse sistema entre as mulheres e os seus familiares facilitarão, ou não, a passagem de ambos por essa etapa da vida. Apesar das mudanças fisiológicas e funcionais, evidenciadas no envelhecimento, destaca-se, neste estudo, por meio das histórias de vidas relatadas, a capacidade de enfrentamento das mulheres, como evidenciam as falas de Almeida e Pereira:

[...] gosto muito de trabalhar, só que eu não trabalho muito que não aguento, eu tenho problema de coluna. A gente não pode ficar parado se não adoecer, fui criada no trabalho, então tenho aquela ansiedade de trabalhar, mesmo que não aguento mais,

¹⁴ Salgado, Maria de J. Entrevista concedida a Tânia M^a R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 5 jul. 2014.

tô futucando, a enxada é velha tá ali né, qualquer coisa estou com ela arrastando na beira do terreiro. Eu fiquei muito assim, percebida do trabalho, não pego mais peso. Trouxe mudança (referindo ao trabalho), porque na idade que eu tô não é como eu era mais nova, de 20 e 30 anos, até os 40 era outra coisa. Passou daí, já vai mudando (Maria Almeida, 75 anos).

[...] trouxe muita mudança no trabalho, à gente sempre fica cansada né, porque aquele tempo de nova é outra coisa, vai caindo pra idade, já vai mudando alguma coisa, vai dando uma canseira. Vem os problemas de saúde. Eu não sou mulher de ficar parada, se eu fico dentro de casa, eu faço tudo (Railda Pereira, 60 anos).

Percebe-se que essas mulheres, ainda que apresentem dificuldades funcionais, relacionadas às doenças degenerativas, que trazem consequências na vivência com a realidade no trabalho agrícola, não se afastam do trabalho. Elas permanecem com as suas atividades diárias, na agricultura, pois, para elas, a disposição para o trabalho é uma forma de enfrentar os desafios advindos da velhice.

O envelhecimento evidencia alguns aspectos de limitações, principalmente, nas atividades laborais. Isto porque as mudanças físicas e funcionais, decorrentes do processo de envelhecer, trazem consequências, com a realidade do trabalho no campo. Tais vivências podem ser acompanhadas de uma perda funcional, que limita essas mulheres, temporária ou definitivamente, para determinada atividade laboral. Sobre esse assunto, Minayo (2011) afirma que:

[...] o velho como ser descartável é uma das crenças mais comum na sociedade. Em geral. O imaginário social sobre a pessoa idosa apresenta uma visão negativa do envelhecimento e mantém e reproduz a ideia de que a pessoa vale quanto produz e o quanto ganha. Dessa forma, os velhos fora do mercado de trabalho, vivendo com parca aposentadoria ou em dependência financeira dos filhos ou do Estado seriam peso morto e inútil (MINAYO, 2011, p. 12).

Nesse contexto, essas mulheres sentem as mudanças decorrentes do envelhecimento, porém, continuam a viver, mesmo sem perspectiva para o futuro; o que as sustenta é estar no convívio com a família e manter a rotina do trabalho. Ainda com as suas limitações, não deixam de desenvolver as suas atividades laborativas; tendem, antes, a se adaptar a essas mudanças. Esse aspecto pode ser observado nas falas de Ferreira e Alves:

[...] não [se referindo à coluna], graças a Deus não. As filhas queixam mais do que eu rsrsrs... eu graças a Deus sou forte. A pressão é alta, mas tem hora que está normal, tá boa. Tomo chá, ontem mesmo eu fiz um chá de pitanga e cebola e ai rsrsrs... Tomei uma copada de chá. Mas eu vou trabalhar, não tem sábado nem domingo, não tem nada. Domingo eles [se referindo aos filhos] estão caçando jeito pra sair, eu não (Noemia Ferreira, 72 anos).¹⁵

[...] se eu estou na cozinha e venho aqui na varanda, eu não sei o que eu estava fazendo lá. Ah! Isso aí [se referindo ao esquecimento], eu tenho demais, agora eu não sei se é por causa da velhice! Zueira na cabeça, durante o dia tá bom, mas a noite quando deito na cama parece que tem um trator trabalhando aqui pertinho de eu. Só pode ser a idade né? (Maria Alves, 75 anos).

¹⁵ Ferreira, Noemia da S. Entrevista concedida a Tânia M^o R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 17 jun. 2014.

No decorrer das entrevistas, as mulheres comentam sobre as dores e as doenças que adquiriram no processo de envelhecimento, porém, demonstraram que elas buscam conviver com essas dificuldades, superando-as com o trabalho. Assim, o envelhecer é visto como algo natural, e, portanto, um processo que faz parte do ciclo da vida.

Diante do envelhecimento, a posição de fragilidade e vulnerabilidade que as mulheres enfrentam nesse ciclo da vida torna-se uma ameaça à sua autonomia e independência funcional e financeira. Segundo Reis et al. (2013), à medida que anos de vida são adicionados, maiores são as chances de acometimento por doenças crônico-degenerativas que, associadas às alterações fisiológicas, próprias do envelhecimento, podem levar ao comprometimento da capacidade funcional e da autonomia, limitando, assim, a capacidade produtiva para o trabalho agrícola, ou a capacidade do indivíduo de realizar suas atividades físicas e mentais necessárias para a manutenção das suas atividades básicas e instrumentais.

FIGURA 5

Processo de debulha do urucum



Fonte: Arquivo pessoal, pesquisa de campo/2014.

A priori, o envelhecimento é um processo de perdas e ganhos que abriga uma diversidade de posições. Porém, é importante considerar a velhice como uma fase rica de experiências decorrentes dos anos, que envolve contar e recontar histórias. Bosi (1999, p. 63) discorre sobre os idosos como sendo “os guardiões das tradições, que tinham a função de transmitir as suas memórias, histórias e lembranças vividas”. É próprio do idoso assumir essa função de conservar o seu passado e rememorar as suas histórias, que são seu legado.

Halbwachs (2006) afirma que os idosos adquiriram muitas experiências aos longos anos de suas vidas e que estão carregados de lembranças. São as experiências herdadas que são compartilhadas através das suas narrativas. Os idosos, por suas vastas experiências de vida, exercem a função na transmissão dos saberes/fazeres adquirido por seus ancestrais, no sentido de instruir e educar os mais jovens. Essa é uma prática de transmissão oral evidenciada principalmente nas comunidades tradicionais. Bosi (1999) acrescenta também como os velhos podem promover a continuidade da cultura e da educação em gente adulta do presente e das gerações futuras, pois permitem, em suas experiências, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, “pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias” (BOSI, 1999, p. 74).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, as mulheres da Comunidade Rural Quilombola São Joaquim de Paulo não se limitam as restrições do envelhecimento para trabalhar, pelo contrário, elas utilizam o trabalho de subsistência como instrumento de lazer e de convivência intergeracional. Mesmo com algumas limitações próprias do envelhecer, ele não foi fator preponderante para restringir a suas participações nas atividades laborativas. A imagem estereotipada que o mundo transmite sobre o idoso é negativa, tendendo ao sedentarismo e ao falimento da vida, porém, esse estudo desconstrói essa ideia do envelhecimento como uma fase final da vida, que não há mais esperança, em que as pessoas não têm prazer no trabalho. Esse perfil do idoso se distancia da realidade das mulheres notadas na Comunidade Quilombola São Joaquim de Paulo. O trabalho tem sido uma forma de expressar o seu potencial produtivo, contribuindo com a família e com a comunidade.

Elas vivem e trabalham no mesmo espaço territorial e, a partir das suas relações sociais, compartilham vivências e experiências em comum, uma memória socialmente construída. Sobre isso, Halbwachs (2006, p. 120) ressalta que “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos”. Mediante as narrativas, foi desvelada a memória do trabalho das mulheres, resignificando as suas histórias. Assim, lembrar não é só reviver, é reconstruir, repensar com as imagens atuais as experiências/vivências do passado.

O trabalho se apresenta para as mulheres como fonte de satisfação, realização de tarefas, ato criativo, enfim, elas produzem para atender às suas necessidades, como comer e vestir; é o meio de sobrevivência da família como também uma conquista de sua autonomia e autoestima; o trabalho para elas significa o próprio ato de viver. Mesmo em fase de envelhecimento, não se entregam ao cansaço e ao desânimo, antes, elas permanecem atuantes no seio de sua comunidade, embora o corpo se apresente já maltratado pelo processo natural do envelhecimento e pela trajetória do trabalho penoso na agricultura.

A busca pelas memórias desse grupo de mulheres possibilitou a construção e a reconstrução das suas histórias com intuito de manter vivas as suas identidades, sua origem, seus costumes e tradições, os quais, historicamente, lhes foram negados, escamoteados pelo legado do escravismo. Assim, as suas histórias ficaram silenciosamente veladas, quase imperceptíveis, como um acervo guardado, fundamentando a preservação e a defesa do seu povo.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 58.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- BRASIL. Planalto. **Decreto nº 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Dispõe sobre o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- BRASIL. Planalto. **Decreto nº 11.850**, de 13 de novembro de 2009. Institui a Política Estadual para Comunidades Remanescentes de Quilombos e dispõe sobre a identificação, delimitação e titulação das terras devolutas do Estado da Bahia por essas comunidades, de que tratam o art. 51 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado da Bahia de 1989.
- Disponível em: <http://www.sepromi.ba.gov.br/arquivos/File/decretogiq.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOMES, F. dos Santos. **História de Quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no rio de janeiro – século XIX. Campinas-SP, Arquivo Nacional, v. 1, n. 3, p. 197-200, 1995. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/92/87>>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- MARX, K. **O Capital**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988. (Coleção Os Economistas, v. 1)
- MINAYO, M. C. de S. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In: TRENCH, B.; ROSA, T. da C. E. (Org.) **Nós e o outro**: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Editora Instituto de Saúde, 2011. p. 10-12.
- O'DWYER, E. C. Quilombos Identidade Étnica e Territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.17-18.
- REIS, L. A. dos et al. **Ensaio sobre o envelhecimento**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013.

SEPROMI. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Salvador: EdiUNEB, p. 8-23, jan. 2013.

SILVA, M. J. da. **Racismo à brasileira**: raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil. 3. ed. São Paulo: Anita, 1995.

TIRIBA, L. Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo-RS, v. 10, n. 2, p. 116-122, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6050>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. 3. ed., Brasília: Editora UNB, 1994. v. 1.

Data da submissão: 08/09/2016

Data da aprovação: 23/11/2016